

ovários em meninas em diferentes estágios puberais. Metodologia: Foi realizado um estudo transversal em meninas com desenvolvimento puberal normal. US e doppler com IP de artérias uterinas (definido como a diferença entre o pico sistólico e o final do fluxo diastólico dividido pela média da velocidade de fluxo máxima), espessura endometrial, volume uterino e ovariano foram avaliados. Todos os exames de US foram realizados pela mesma radiologista com o mesmo equipamento (Aplio 400, Toshiba; Aplio 300, Toshiba; probe convexo ou microconvexo, conforme idade). O projeto foi aprovado pelo comitê de ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (2019-0468), com termo de consentimento para uso de dados por parte dos pesquisadores. A análise estatística foi realizada no SPSS, com teste de ANOVA, correlação de Spearman e curva ROC com Youden. Resultados: 169 meninas (idade 5-16 anos, média 11,3±1,8) que realizaram 202 US pélvicas foram incluídas (Tanner 1=20%, Tanner 2=22%, Tanner 3=23%, Tanner 4=17%, Tanner 5=17%). A idade média de telarca, pubarca e menarca foram 11,1±1,8, 10,2±1,2 e 12,2±1,1 anos respectivamente. Pré-púberes (Tanner 1) tinham média de IP significativamente maior que meninas na puberdade inicial (Tanner 2 e 3 agrupados) e na puberdade tardia (Tanner 4 e 5 agrupados), respectivamente 6,5±2,27 vs. 4,15±1,55 vs. 2,82±1,06,  $p<0,001$  para todas as comparações. A análise da curva ROC demonstrou que o IP consegue identificar o início da puberdade com uma área sob a curva de 0,80±0,04,  $p<0,001$  e com um ponto de corte de IP=5,05 apresentando sensibilidade (S) de 0,77 e especificidade (E) de 0,80. Quando combinado os pontos de corte de IP<5,05 com volume uterino>3,75cm<sup>3</sup>, encontrou-se S=0,72 e E=0,90 para detecção de puberdade. Identificou-se uma forte correlação negativa entre o IP e o volume uterino ( $rs=-0,72$ ,  $p<0,001$ ) e uma moderada correlação negativa com espessura endometrial ( $rs=-0,68$ ,  $p<0,001$ ), volumes ovarianos direito ( $rs=-0,60$ ,  $p<0,001$ ) e esquerdo ( $rs=-0,59$ ,  $p<0,001$ ). Conclusão: Encontrou-se uma redução significativa do IP durante o desenvolvimento puberal, que pode corresponder a uma ferramenta valiosa não invasiva e altamente específica para confirmação do início puberal.

1791

### **FATORES DE RISCO PARA MORTALIDADE PÓS-OPERATÓRIA EM UMA COORTE DE 1431 PACIENTES CIRÚRGICOS DE ALTO RISCO DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE**

CATEGORIA DO TRABALHO: PESQUISA

Guilherme Roloff Cardoso, Débora Roberta de Avila Dornelles, Aline Zanella, Gustavo de Bacco Marangon, Matheus Lomba Dasqueve, Mariana Brandão, Julia Marschner de Souza, Nicole Rauber, Sávio Cavalcante Passos, Adriene Stahlschmidt, Luciana Paula Cadore Stefani

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Introdução: O número de pacientes cirúrgicos de alto risco, composto especialmente por idosos com múltiplas comorbidades, está crescendo. Eles são responsáveis por taxas desproporcionais de morbidade e mortalidade pós-operatória e, portanto, pelo uso crescente de recursos. Neste estudo, utilizamos o novo modelo de risco Ex-Care, desenvolvido com dados do HCPA, para identificar os pacientes de alto risco submetidos a cirurgia no HCPA, objetivando determinar os fatores de risco independentes para mortalidade. Métodos: Foram analisados dados de uma coorte de 1431 pacientes de alto risco submetidos a cirurgias eletivas e de urgência entre Julho de 2017 a Janeiro de 2020. Foram classificados como de alto risco aqueles com risco de morte pós-operatória > 5% pelo modelo de risco Ex-Care, encaminhados à URPA ou à UTI no pós-operatório. Variáveis de risco pré-operatórias foram definidas a priori. Regressão de Poisson foi usada para avaliar a relação entre as variáveis pré-operatórias e risco de morte na internação hospitalar em até 30 dias. Dados são apresentados como frequência (%) ou Risco Relativo (RR) com intervalo de confiança de 95%. Resultados: Na presente coorte identificamos 12% de mortalidade geral em pacientes cirúrgicos de alto risco. A média de idade dos pacientes foi de 67,9 anos e a maioria era ASA III (84%). As comorbidades mais prevalentes foram anemia (63,7%), câncer (43,6%) e insuficiência renal crônica (28,7%). 47% das cirurgias foram de urgência e 69% eram de grande porte. Os fatores de risco independentemente associados à mortalidade nos pacientes cirúrgicos de alto risco foram cirurgia de urgência (RR 1.88 IC 1.29-2.73); anemia pré-operatória (RR 1.45 IC 1-2.1); sepse pré-operatória (RR 1.49 IC 1.01-2.2); neoplasia (RR 1.55 IC 1.13-2.12); dependência pré-operatória (RR 1.97 IC 1.28-3.02); e classificação de risco pelo modelo Ex-Care acima de 10% de probabilidade de morte (RR 2.64 IC 1.8-3.8). Não foram variáveis independentemente associadas à mortalidade cardiopatia isquêmica, insuficiência cardíaca, AVC prévio ou insuficiência renal. Conclusão: Identificar o

grupo de pacientes de alto risco para morte pós-operatória é de fundamental importância para traçarmos estratégias preventivas para o resgate desse grupo. Identificamos que algumas variáveis são não modificáveis como neoplasia, cirurgia de urgência e dependência. Entretanto, parece existir espaço para otimização de fatores de risco modificáveis como anemia e sepse no pré-operatório.

**1809**

**ATUAÇÃO DE ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE DA UFRGS NA CAMPANHA DE VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19 EM PORTO ALEGRE**

CATEGORIA DO TRABALHO: PRÁTICAS INSTITUCIONAIS INOVADORAS

Rafaela Kathrine da Silva, Stéfani Kuster, Patrícia Gabriela Riedel, Lucas Quadros Antoniazzi, Andrielli da Silveira Recalcati, Poliana Medeiros Bolner, Gabriel Gonçalves Veloso, Manoela Maffei, Gislaine Thompson Dos Santos, Deise Lisboa Riquinho, Mariur Gomes Beghetto, Cristina Rolim Neumann, Idiane Rosset, Eliane Pinheiro de Moraes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE PORTO ALEGRE

Introdução: A vacinação contra a COVID-19 desafiou a logística das instituições responsáveis pela imunização da população. Com a necessidade urgente em vacinar de maneira otimizada, profissionais capacitados foram necessários para atender a demanda. Objetivos: Capacitar estudantes de Enfermagem e de Medicina da UFRGS para atuarem como vacinadores voluntários na campanha contra a COVID-19, por meio de treinamento com professores e profissionais da Atenção Primária à Saúde. Metodologia: As ações tiveram início na semana em que a primeira dose da vacina contra a COVID-19 foi aplicada em Porto Alegre. A necessidade de vacinadores fez com que a Secretaria Municipal de Saúde solicitasse auxílio às Escola de Enfermagem e de Medicina da UFRGS para que os alunos pudessem atuar em locais de aplicação onde havia prejuízo nas escalas de profissionais. Para isso, formulários via Google Docs foram divulgados nas redes sociais para que os estudantes se inscrevessem. Por meio do Moodle da universidade, eles receberam materiais teóricos com orientações sobre os imunizantes. Assim, os alunos foram capacitados em laboratórios do Câmpus Saúde da UFRGS, por professores responsáveis pelo projeto treinando as técnicas de aplicação da vacina: armazenamento dos frascos, manuseio com os perfurocortantes, aspiração do líquido da ampola, registros da numeração de cada lote e orientações à população. Para obtenção do certificado, o estudante precisava contabilizar 100 horas de atividades práticas. Observações: Até junho de 2021, 189 alunos dos cursos de Medicina, de Enfermagem, de Farmácia e de Políticas Públicas, todos da UFRGS, incluindo os monitores, foram capacitados. Dentre as unidades de saúde e locais de vacinação onde o projeto atua ou já atuou estão Serviço de Medicina Ocupacional (SMO) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Unidade de Saúde (US) Santa Cecília, US Modelo, US Santa Marta, US Camaquã, US Moab Caldas, US IAPI, US Morro Santana e Drives-Thru. Considerações: Com a atuação dos estudantes, houve uma aceleração da vacinação, o que possibilitou um maior contingente de pessoas habilitadas para a aplicação das vacinas e apoio aos profissionais de saúde que encontravam-se sobrecarregados. Dessa forma, diante do auxílio prestado à população, os estudantes demonstraram-se estimulados, visto que muitos cidadãos reverenciavam e reconheciam a importância de alunos de cursos da saúde estarem à frente de uma iniciativa tão relevante ao contexto pandêmico atual.

**1815**

**AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE POLIMORFISMOS NOS GENES INS, PTPN22 E CTLA-4 E O DIABETES MELLITUS TIPO 1**

CATEGORIA DO TRABALHO: PESQUISA

Felipe Mateus Pellenz, Tais Silveira Assmann, Cristine Dieter, Guilherme Coutinho Kullmann Duarte, Daisy Crispim

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

Introdução: Polimorfismos de troca única (SNPs) em mais de 60 genes já foram associados ao desenvolvimento do diabetes mellitus tipo 1 (DM1), sendo que SNPs no locus HLA de classe 2 possuem o maior impacto na suscetibilidade a essa doença. SNPs em outros loci parecem interagir com o HLA, influenciando no risco de DM1. Os genes insulina (INS), não-receptor de